

## **Engajamento, etnomusicologia e transformação social em uma pesquisa de pós-graduação: uma breve revisão de literatura**

**Pedro Mendonça<sup>1</sup>**

UNIRIO/PPGM/LABET-UFRJ

SIMPOM: *Etnomusicologia*

pedrinho\_violao@yahoo.com.br

**Resumo:** O artigo busca apresentar o corpo teórico e metodológico de uma pesquisa de doutoramento em etnomusicologia que se pretende engajada em uma perspectiva de transformação social. Em uma breve revisão de literatura apresento aqui as tendências mais recentes da área em repensar questões epistemológicas da prática acadêmica, aqui assumida como eurocentrada e colonialista, com pouco espaço e “pouca voz” para populações historicamente oprimidas. Pautado principalmente no trabalho do grupo Musicultura, ligado ao Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ - grupo de pesquisa que desde 2003 realiza pesquisa sobre as práticas musicais do bairro Maré no Rio de Janeiro - esta comunicação conversa, a partir do conceito de práxis sonora, com perspectivas metodológicas que estariam ligadas a uma verdadeira “virada” epistemológica, na qual o tradicional “nativo” se torna elemento de voz ativa dentro da pesquisa, enunciando suas próprias visões de mundo sobre aquilo que faz, sem a necessidade de um “intérprete” acadêmico para “traduzir” sua cultura e sua música. Estas perspectivas metodológicas giram em torno da prática da pesquisa dialógica e seus dilemas, incluindo a questão do prazo da pesquisa e da autoria do texto etnográfico. Como possibilidades e apontamentos futuros, o artigo busca apresentar também de maneira breve as táticas e estratégias adotadas nesta pesquisa de doutoramento sobre aquilo que chamo de “cena funk autonomista” do Rio de Janeiro a partir da interlocução entre o campo e o universo da Academia. Assim abdicamos do discurso da neutralidade, negando-a, e afirmando a partir da práxis de pesquisa uma interlocução entre nossos desejos políticos de transformação e nossa prática acadêmica.

**Palavras-chave:** Práxis Sonora; “Virada” epistemológica; funk autonomista; Pesquisa dialógica.

### **Engagement, Ethnomusicology and Social Transformation in a Graduate Research: a Brief Review of Literature**

**Abstract:** This article aims to present the theoretical and methodological body of a doctoral research in ethnomusicology intended to be engaged in a perspective of social transformation. In this brief review of literature I present the latest trends in the area, rethinking epistemological questions of academic practice, here assumed as eurocentered and colonialist, with little space and "little voice" for historically oppressed populations. Guided mainly by the

---

<sup>1</sup> Orientador: Samuel Araújo / Pesquisa de doutorado financiada pelo programa CAPES-DS.

work of Musicultura group, linked to the Ethnomusicology Laboratory of UFRJ - the research group since 2003 conducts research on musical practices of Maré neighborhood in Rio de Janeiro - this communication talk since the concept of sound práxis with methodologies that would be linked to a real epistemological "turn", in which the traditional "native" becomes active voice element within the research, stating their own views of the world about what he does, without the need for an academic "interpreter" to "translate" their culture and music. These methodological perspectives revolve around the practice of dialogical research and their dilemmas, including the question of the term of research and authorship of ethnographic texts. As possibilities and future appointments, the article also seeks to present briefly the tactics and strategies adopted in this doctoral research about what I call the "funk autonomist scene" in Rio de Janeiro, from the dialogue between the field and the Academic world. So we abdicate the neutrality speech, denying it, and claiming from the research practice a dialogue between our political desires of transformation and our academic práxis.

**Keywords:** Sound Práxis; Epistemological "turn"; Autonomist funk; Dialogical Research.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objeto realizar uma breve apresentação da revisão de literatura recente que tenho feito em meu trabalho de doutoramento. Para além do objeto em si da minha pesquisa, que é estudar o que eu tenho chamado de “cena funk autonomista do Rio de Janeiro”, o foco principal tem sido desenvolver a pesquisa num sentido transformador, questão que tem se feito presente nos principais fóruns nacionais e internacionais da etnomusicologia, e que tem se concentrado em uma “subárea” chamada “etnomusicologia aplicada”, apesar de eu não utilizar este termo. Em meu trabalho tanto o arcabouço teórico que o norteia, quanto os métodos etnográficos empregados, estão voltados para uma produção que não “morra” na Academia, quer dizer, que possa ter consequência social, ou como cita o etnomusicólogo brasileiro Samuel Araújo (2014) que possa construir um outro modelo de patrimonialização, engajado com as necessidades e perspectivas de nossos interlocutores não acadêmicos.

Buscamos aqui uma real “virada epistemológica”, visto o deslocamento dos espaços de poder até então praticamente intocáveis dos acadêmicos e da academia, para uma produção mais focada no interesses e no protagonismo dos povos de matriz não-eurocêntrica e historicamente oprimidos, “povos sem voz” dentro da universidade. A seguir, discorrerei sobre métodos colaborativos, o conceito de práxis sonora - instrumento para pensar outras formas de realizar etnografia que não reproduzam e nos empurrem para o *modus operandi* até então dominante dentro de nossas estruturas de investigação -, passando por alguns exemplos e possibilidades de se utilizar a música como método de empoderamento de populações que passam por algum tipo de opressão.

## 2. Virada epistemológica – “Epistemologias da Transformação”

Nesta seção tratamos do que, em termos de teoria em etnomusicologia e em sua própria definição enquanto teoria, se altera na medida em que novas questões são postas na ordem do dia de nossa disciplina. Segundo Nettl (2005), a etnomusicologia se define segundo quatro pilares principais: como estudo da música na cultura; como o estudo das músicas do mundo a partir de uma perspectiva relativística e comparativa; principalmente uma disciplina que se utiliza do trabalho de campo como ferramenta; e o estudo de todas as manifestações musicais de uma sociedade. (NETTL, 2005, p. 17)

O próprio Nettl, em artigo posterior em diálogo com a área de educação musical – para ele esta essencialmente “aplicada”-, já tocado talvez pela percepção de novos tempos que se apresentam, expõe com clareza estas “novas” tendências no campo do fazer etnográfico da música: “Temos, agora, algo reconhecido como etnomusicologia aplicada, que tenta usar os resultados de nosso campo para ajudar a questões de pobreza, conflito, medicina, e muito mais” (NETTL, 2010, p. 9).

Num grande esforço em promover uma discussão sobre a etnomusicologia aplicada e seu desenvolvimento recente, a pesquisadora Rebecca Dirksen (2012), pianista que tem trabalho engajado junto ao povo haitiano, vítima de um desastroso terremoto que devastou o país, reuniu uma série de exemplos de práticas aplicadas em etnomusicologia, dividindo-as em cinco grandes domínios de aplicação: 1) o da representação artística – em que “etnomusicólogos frequentemente atuam como ‘corretores de cultura’, mediando símbolos e tradições e criando pontes entre diversas populações e práticas” (DIRKSEN, 2012, p. 9); 2) o da lei, política e ética – no qual os pesquisadores, a partir dos seus dados de pesquisa, conseguem auxiliar na defesa política, e muitas vezes legal das disputas em que estão inseridas as comunidades nas quais os mesmos trabalham, ou trabalharam em suas investigações.; 3) o da medicina – em que se “examina como a música pode ser usada para o acesso aos ‘domínios biológicos, psicológicos, sociais, emocionais e espirituais da vida””(KOEN et al, 2008a, p. 4 *apud* DIRKSEN, 2012, p. 10); 4) o do desenvolvimento – que a autora exemplifica com o engajamento de antropólogos com instituições internacionais para o “desenvolvimento” humano em países e comunidades pobres, e também trabalhos de etnomusicologia de longa duração e forte intervenção, como é o caso do grupo brasileiro Musicultura, do qual falaremos mais detalhadamente adiante, e a pesquisa de intervenção de Angela Impey em comunidades rurais de Northern Kwazulu-Natal; 5) e por último a autora discorre sobre as questões de recuperação pós-conflito e pós-desastre, no qual os

pesquisadores se engajam na tarefa, a partir da música, de desenvolver resoluções de conflitos de países e sociedades em guerra, e de recuperação social e cultural após desastres como furacões, terremotos, entre outros.

Timothy Rice em apresentação na 41ª Conferência do ICTM em Pequim preparou um texto pautado nestas questões, apontando os desafios de uma etnomusicologia em “times of trouble”. Rice aponta para as seguintes “novas temáticas” – 1) Música, Guerra, Violência, Conflito, e 2) Migração Forçada; 3) Música e doença e 4) Outras Tragédias Particulares; 5) Violência Urbana e Pobreza; 6) Mudança Climática e Meio Ambiente. (RICE, 2014, p. 195-200).

Dirksen (2012) assim como Araújo (2014) são também autores que se colocam críticos em torno da questão do termo "aplicado", questionando exatamente o fato de haver uma tendência a criar uma antítese entre pesquisa "pura" e pesquisa "aplicada" onde a última é colocada numa posição subalterna em relação a "verdadeira" pesquisa que seria aquela realizada nos escritórios da universidade, o que se traduziria na "aplicação prática" do "verdadeiro" conhecimento superior produzido pelos acadêmicos e pela academia.

A verdade é que a pressão por um debate em torno destas novas epistemologias que se propõe transformadoras em nossa área tem sido tão grande, e de tanta importância, que em setembro de 2015 as duas maiores associações internacionais da etnomusicologia, a norte-americana SEM (Society for Ethnomusicology), e o internacional ICTM (International Council for Traditional Music) se reunirão conjuntamente pela primeira vez em suas respectivas histórias para discutir exatamente esta virada epistemológica a que o campo etnomusicológico vem assistindo nos últimos anos, demonstrando assim o esforço de assimilação real destas tendências de engajamento na pesquisa, e que certamente terão consequências futuras nos próprios currículos universitários e caminhos escolhidos pelos novos pesquisadores.

Entretanto, e para além do amplo esforço de categorização realizado por estes acadêmicos, o meu trabalho melhor se alinha às tendências que a seguir apresentarei. Citados como exemplos no campo: “violência urbana e pobreza” por Rice (RICE, 2014, p. 198), e de desenvolvimento mais engajado no campo, por Dirksen (2012, p. 11-12), o grupo de pesquisa Musicultura e as reflexões teóricas de seu coordenador Samuel Araújo - construídas coletivamente com o próprio grupo - são as que melhor contemplam-me como base teórica a ser desenvolvida neste processo de doutoramento ao qual estou envolvido.

### **3.Práxis Sonora**

Muitas são as temáticas e focos de pesquisa pelos quais tem passado o interesse do grupo Musicultura nestes últimos treze anos de existência (2003-2016). Em 2006, o grupo trabalha em tornos da conceituação da violência e do conflito apresentando talvez pela primeira vez na área da música o estigma e criminalização sofridos pelo morador de favela no Rio de Janeiro, tendo sua prática musical associada a criminalidade e ao tráfico de drogas e a paisagem sonora da violência presente na Maré (ARAÚJO e MUSICULTURA, 2006a), ou no enxergar sua cultura como “menor” perante a “cultura superior” levada pelas ONGs e suas políticas salvacionistas na ausência quase total de políticas públicas direcionadas aos jovens pobres da cidade (ARAÚJO e MUSICULTURA, 2006b, 2006c); a ameaça ao seu direito de ir e vir e frequentar determinados espaços musicais da comunidade por conta do medo de “cruzar” as “fronteiras” criadas pelas disputas entre facções do narcotráfico (GRUPO MUSICULTURA, 2008); a realização de uma pesquisa quantitativa, proposta e protagonizada pelos jovens pesquisadores residentes no bairro e as “surpresas” de seus resultados, tão multiculturais quanto qualquer zona da cidade, quebrando estigmas construídos pela mídia corporativa e pelas classes média e alta da cidade (idem; GRUPO MUSICULTURA, 2011). Atualmente inspirando projetos por todo o Brasil e ao redor do globo, o Musicultura acaba de publicar um trabalho etnográfico pautado na dificuldade de se organizar eventos (em quatro diferentes estilos musicais) nas favelas no contexto das Unidades de Polícia Pacificadora (MUSICULTURA, 2015). O banco de dados do grupo está na própria Maré, e disponível para os moradores, retirando da Academia o “poder” de zelar pelos dados etnográficos

Todo esse processo também pode-se dizer, criou ramificações que se tornaram patrimônio da própria comunidade (ARAÚJO, 2014), como por exemplo os “Eventos Maré de Rock” e “Sarau Cultural da Maré”, o bloco de samba “Se Benze que dá”, entre outros eventos geridos e mantidos por atuais e ex-musiculturenses. Comum a todos estes projetos está de fato a centralidade do som, e do fazer político que o grupo não abandona, negando qualquer tipo de discurso de “neutralidade acadêmica” tanto em seu método como em seus focos de pesquisa, sugeridos conceitualmente pelo supracitado termo “práxis-sonora”. (ARAÚJO e GRUPO MUSICULTURA, 2010).

### **4.Etnografia colaborativa, pesquisa dialógica, trabalho de longa duração e autoria**

Certamente grande parte do que veremos nesta parte tem relação direta com aquilo que acabamos de apresentar como “virada epistemológica”, essa inclusão radical dos debates sobre mudanças paradigmáticas que buscam colocar o trabalho engajado na linha de

frente do processo etnográfico, para além de se apoiar em teorias que tentam desconstruir as posições de poder hegemônico presentes hoje e historicamente dentro da Academia. Nesta tentativa de distribuir poder - socialmente nas mãos de homens brancos, cis gênero e de origem classe média - é normal que se pense com mais detalhes a questão da etnografia em si, a questão metodológica

Similar e bastante anterior ao grupo da Maré, o CASM (Centre for Aboriginal Studies in Music), fundado em 1975 e em atividade na Universidade de Adelaide foi criado pela já falecida acadêmica Catherine Ellis, e esteve sempre aplicado ao estudo das práticas musicais aborígenes a partir das visões e demandas dos próprios aborígenes australianos, com uma crítica muito próxima ao Musicultura de que “a voz ‘insider’ tem sido amplamente esquecida pelo discurso acadêmico sobre culturas musicais indígenas australianas” (NEWSOME, 2008, p. 33). Para o CASM o foco seria então a autodeterminação indígena sobre rumos das pesquisas sobre sua própria música, envolvendo inclusive acadêmicos de origem aborígene que passam a desenvolver não só suas práticas musicais dentro da universidade, como também os seus métodos de ensino e visão sobre as mesmas.

O exemplo de Angela Impey também parece bastante relevante aqui. Em artigo de 2002, a autora nos apresenta os resultados de pesquisa colaborativa realizada em Kwalu-Zulu Natal, onde a auto-organização e autodeterminação de jovens locais estudando as práticas musicais das suas próprias aldeias, a partir de método etnográfico desenvolvido em diálogo com os pesquisadores não-locais, gerou um projeto de turismo local e cultural (IMPEY, 2002).

E é apoiado na perspectiva da práxis que o antropólogo colombiano Luis Guillermo Vasco Uribe (2002) apresenta seus pontos de vista, que assim como Araújo e o Musicultura relacionam a essência da prática política do pesquisador à discussão do método. Na busca de uma metodologia própria para aquilo que ele mesmo denomina de “investigação-militante” o autor expõe que o fazer etnográfico deve então responder aos interesses locais, e de que o campo da prática seria indissociável da construção do conhecimento – o que sugere inclusive uma mudança de status epistemológico onde a neutralidade não existe. O autor também defende que o trabalho intelectual separado da vida cotidiana e prática (como seria comum dentro da antropologia) só serve aos interesses e paradigmas da pequena burguesia, que pressionaria então este tipo de produção para que nos adaptássemos enquanto etnógrafos aos seus cânones, embarreirando então possíveis pensamentos divergentes mais alinhado com as perspectivas epistemológicas locais (URIBE, 2002).

O autor descreve no mesmo texto que sua proposta dialógica teria relação direta com o método decisório e organizativo dos próprios índios com quem trabalhou - direto e auto gerido – tornando-se assim mais interessante realizar o trabalho de campo desta maneira também. Todo esse processo de repensar o método numa outra perspectiva política e epistemológica teria uma relação direta com um pensamento mais amplo de ruptura com uma ideia de fazer individual no rumo de uma transformação real, necessariamente coletiva.

As propostas todas que vêm se desenvolvendo na etnomusicologia demarcam um engajamento que se alia às perspectivas locais, entretanto sem deixar de compreender que há uma estrutura e uma subjetividade dominante que “impõe” das mais diversas maneiras suas visões de mundo, o que seria fundamental no processo de fazer etnográfico dentro do conceito da práxis sonora, tornando-se o “carro-chefe” da linha teórica e metodológica que pretendo desenvolver em meu próprio trabalho. Importante também afirmar que estas metodologias devem se constituir a partir de um encontro, ou mesmo de um conflito de ideias, valores e visões de mundo. Cambria (2012) relata que no princípio do Musicultura a equipe de pesquisadores – do qual o mesmo fazia parte - foram “a campo” sem uma imposição de modelo a ser seguido, o que o fez perceber que com o tempo e a “entrada” real das perspectivas dos *insiders* nas discussões muitos temas talvez não tivessem nem surgido, alterando tanto as visões dos *outsiders*, quanto dos próprios jovens moradores e seu entorno (CAMBRIA, 2012, p. 132), quer dizer, o processo acabaria por se tornar figura central no fazer etnográfico.

A questão do tempo de duração do trabalho de campo também me parece fundamental numa discussão metodológica sobre todas estas mudanças epistemológicas. Na direção a uma etnomusicologia mais engajada em um processo assumidamente político e transformador, este é um tema de grande importância. Certamente o exemplo mais usado por mim neste texto, o Musicultura, teria dificuldades em desenvolver tudo o que desenvolveu se por exemplo estivesse restrito a uma pesquisa de financiamento de dois, ou três anos, como seria padrão. Seeger (2008a) apresenta-nos questões sobre seu trabalho de longo prazo com os *kisêdjê*, sociedade indígena do alto Xingu, claramente alinhado com as perspectivas teórico-metodológicas apresentadas neste ensaio. Seeger aponta para uma nova forma de fazer etnográfico que se envolve com as questões locais. Num reconhecimento de um recente processo de empoderamento das comunidades nativas, agora protagonistas de seus saberes e comunicadores dos mesmos a partir de suas próprias visões de mundo, o autor dá grande importância no acompanhamento que pôde fazer nestes mais de 40 anos de proximidade. Em

um artigo do mesmo ano Seeger (2008b) aponta que sua proximidade com os indígenas também rendeu-lhe a possibilidade de exercer uma função advocativa em uma disputa de terras na qual estes índios estavam envolvidos, ao apresentar em juízo registros etnográficos de sua pesquisa realizada ainda na década de 1970, o que facilitou a vitória jurídica indígena.

Não menos importante é a questão da autoria, assunto também discutido nestas “outras” epistemologias. Seeger (2012) relaciona diretamente a autoria acadêmica à figura do autor individual, o gênio que sozinho desenvolve suas ideias e as publica partilhando-as assim com todos os interessados. Porém como o antropólogo norte-americano Luke Lassiter (2005) muito bem coloca, a produção etnográfica nunca é individual, e se estamos numa busca de renovação epistemológica, numa luta pelo reconhecimento da autoridade nativa em afirmar suas próprias demandas e visões de mundo, necessitamos confrontar as estruturas acadêmicas num sentido de modificar diversos padrões que somente atrapalham o desenvolvimento de procedimentos metodológicos de fato dialógicos, e a autoria certamente é um foco fundamental. Em meu próprio trabalho de mestrado realizado na Universidade de Aveiro, produzi um texto coletivo que foi impedido pela estrutura institucional da universidade de ser assinado coletivamente (MENDONÇA, 2013).

Em publicação recente Seeger (2015) conta que qualquer apresentação que o mesmo realiza de maneira remunerada ele destina metade do valor do cachê para os kisêdjê, para além da partilha dos direitos autorais de seus livros e discos produzidos em colaboração com os indígenas, práticas que apontam para as necessárias discussões que ainda devemos travar sobre estes patrimônios imateriais historicamente saqueados e pilhados pela força dominante e opressora de uma universidade eurocentrada e colonialista.

### **Considerações finais**

Realizando uma análise cruzada entre os parâmetros apresentados pelo etnomusicólogo Bruno Nettl (2005) e todo esse manancial de possibilidades aqui apresentado, é possível perceber que de fato novos paradigmas estão se colocando para a etnomusicologia nesse momento da história. Talvez estejamos vivenciando de fato uma “virada” epistemológica que retira do “perfil” do etnomusicólogo a prerrogativa de fazer uma longa viagem até uma civilização estranha à sua própria, e o coloca numa posição de reflexão sobre em que posição o etnógrafo “pode ser útil”(RICE, 2014). Todas as diferentes linhas parecem caminhar no sentido de um desejo de mudança numa área que historicamente já se valeu muito do “conhecimento do outro” em benefício de estudiosos predominantemente europeus

ou norte-americanos, e que agora buscam apoiar a entrada do que antes era o “nativo” para uma posição de protagonismo no processo etnográfico.

Assim também é a prerrogativa desta pesquisa. Apoiando-me nas afirmações de Uribe, e do grupo Musicultura, coloco aqui “crises” epistemológicas ainda por resolver. Segundo o antropólogo colombiano, um dos mais importantes passos em direção a uma transformação real no processo etnográfico seria a compreensão de que o nativo possui suas próprias concepções de organização e produção de conhecimento, e que devemos aprender com elas, dando às mesmas o máximo destaque quanto for possível em nossas próprias escolhas de caminhos teóricos e metodológicos a serem seguidos.

A partir de impressões iniciais de aproximação com os grupos que compõe aquilo que tenho chamado em minha pesquisa de “Cena Funk Autonomista”, pude perceber uma série de pressupostos políticos como a centralidade do discurso racial e de classe e os princípios de auto-organização e autonomia popular, que acabaram por nortear minhas escolhas políticas e acadêmicas sobre o método etnográfico que iria empregar no campo, dialogando com os pressupostos apresentados por Uribe (2002). Em suma levaremos a cabo durante o ano de 2016 a partir de um grupo de pesquisa formado por mim e mais 4 pesquisadores não-graduados, porém protagonistas de alguma maneira neste “movimento” que a princípio tenho identificado, todo o trabalho etnográfico, desde a definição dos objetivos da pesquisa e passando pela recolha de dados, interpretação dos mesmos e a “escrita” (abrindo aqui para modelos de escrita que vão além do texto escrito), produzindo assim o material essencial para a construção desta tese de doutorado. Como em 2013 em minha dissertação de mestrado defendida na Universidade de Aveiro (MENDONÇA, 2013) buscarei com meu próprio trabalho expor as contradições presentes na estrutura extremamente eurocêntrica e hierárquica da Academia, que como bem afirma Seeger (2012) está pautada num gênio individual e não na noção de produção coletiva, dimensão indissociável de trabalho etnográfico que se pretenda não-opressor e transformador.

## Referências

ARAÚJO, Samuel. Dimensiones políticas del dialogo intercultural: patrimonios de conocimiento y luchas sociales. In: CHAVES, Margarita; MONTENEGRO, Mauricio; ZAMBRANO, Marta. (Org.). *El valor del patrimonio: mercado, políticas culturales y agenciamientos sociales*. Bogotá: ICAHN, 2014. p.01-27.

ARAÚJO, Samuel; GRUPO MUSICULTURA. Conflict and Violence as Theoretical Tools in Present-Day Ethnomusicology: Notes on a Dialogic Ethnography of Sound Practices in Rio de Janeiro. *Ethnomusicology*, v. 50, n. 2, Spring/Summer, 2006a, p. 287-313.

\_\_\_\_\_. A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro. *TRANS Revista Transcultural de Música*. v. 10, dezembro, 2006b. p. 1-34

\_\_\_\_\_. Música e políticas públicas para a juventude: por uma nova concepção de pesquisa musical. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 16, 2006, Brasília. *Anais do XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*. Brasília, 2006c. p. 216-219.

\_\_\_\_\_. Sound Praxis: Music, Politics, and Violence in Brazil. In: CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan; O'CONNELL, John Morgan. (org.) *Music and Conflict*. Urbana, Chicago e Springfield: University of Illinois Press, 2010. p. 217-231.

CAMBRIA, Vincenzo. *Music and Violence in Rio de Janeiro: a participatory study in Urban Ethnomusicology*. Middeltown. 409 f. Tese (Doutorado em Etnomusicologia). Wesleyan University, Middletown. 2012.

DIRKSEN, Rebecca. Reconsidering Theory and Practice in Ethnomusicology: Applying, Advocating, and Engaging Beyond Academia. *Ethnomusicology Review*. v. 17, 2012. p. 1-35.

GRUPO MUSICULTURA. Música e sociabilidade na Maré a partir de três estudos de caso recentes. In: ENABET, 4, 2008, Maceió. *Anais do IV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA*. Maceió, 2008. p. 72-77.

\_\_\_\_\_. Diálogo, conhecimento e ação: reflexões a partir de uma pesquisa de base censitária no bairro Maré, RJ. In: ENABET, 5, 2011, Belém. *Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia*. Belém, 2011. p.11-18.

\_\_\_\_\_. É permitido proibir: a práxis sonora da Pacificação. *Revista Vórtex* (Dossiê Som e/ou Música Violência e Resistência – Org.: GUAZINA, Laize), Curitiba, v.3, n.2, 2015. p. 149-158.

IMPEY, Angela. Culture, Conservation and Community Reconstruction: Explorations in Advocacy Ethnomusicology and Participatory Action Research in Northern Kwazulu Natal. *Yearbook for Traditional Music*. v. 34, 2002. p. 9-24.

LASSITER, Luke Eric. *The Chicago Guide to Collaborative Ethnography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

MENDONÇA, Pedro, et al. *O punk como formação política anarquista: Um estudo de caso colaborativo na Casa Viva*. Aveiro. 90 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013.

NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts: An Essay Review*. Urbana: University of Illinois Press, 2005.

NEWSOME, Jeniffer K. From Researched to Centrestage: A Case Study. *Musicological Annual*, v. 44, n. 1, 2008. p.31-50.

RICE, Timothy. Ethnomusicology in Times of Trouble. *Yearbook for Traditional Music*, v.46, 2014. p.191-206.

SEEGER, Anthony. Long-Term Field Research in Ethnomusicology in the 21st-Century. *Em Pauta*, v. 19, n. 32/33, 2008a. p. 3-20.

\_\_\_\_\_. Theories Forged in the Crucible of Action. In: BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy J. (org.) *Shadows in the field: new perspectives to fieldwork in ethnomusicology*. 2 ed. New York: Oxford University Press, 2008b. p.271-288.

\_\_\_\_\_. Who Should Control Which Rights to Music? In: FERNÁNDEZ, Susana Moreno et al. *Current Issues in Music Research: Copyright, Power and Transnational Music Processes*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

\_\_\_\_\_. *Porque cantam os Kisêdjê?*. Rio de Janeiro: Cosac Naify. 2015.

URIBE, Luis Guillermo Vasco. *Entre Selva y Páramo: Viviendo y Pensando la Lucha India*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2002.